

## Melhor que encomenda. Por Juliana Fernandes Gontijo.

Geraldo era aquele senhor sério, de compromisso. Quando pequeno, foi para o seminário ainda muito cedo, pois tinha o sonho de ser padre. Por motivos alheios à vontade dele, permaneceu por 9 anos no colégio interno e aos 19, interrompeu os estudos para tentar a vida fora da Igreja.

Queria arrumar um emprego num escritório, mas antes tentou vender livros. Não deu certo. Chegou a um banco e, ao oferecer a coleção de enciclopédias a um funcionário, ele se enrolou com o negócio ao tentar falar sobre o diferencial do produto:

— Estas enciclopédias são ótimas, têm muitas letras.

Diante de tamanha besteira que acabara de dizer, abaixou a cabeça e nem percebeu que o gerente do banco riu-lhe na cara. Saiu de lá como se fosse uma bala de canhão. Voltou envergonhado à empresa a fim de devolver os produtos e prometeu que nunca seria vendedor.

Ainda trabalhou, por alguns meses, em uma farmácia como empacotador e foi promovido a balconista de medicamentos. Como desejava melhorar de vida, não “esquentou o balcão”, partiu para outra profissão.

Por indicação de um amigo, arrumou um emprego numa empreiteira como escriturário.

Conheceu Laurinda, filha de um colega de trabalho. Ela era uma moça esbelta, dona de casa. Em menos de 3 anos, eles se casaram. Ele era o tipo do rapaz sério, compromissado, que “jurou” amar e respeitar na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, assim como dizem os ritos do catolicismo.

Ele continuou sua vida. Todos na família diziam:

— Geraldo é o tipo do cara que a gente põe a mão no fogo por ele sem medo de queimar.

O tempo passou, o escriturário subiu de cargo para a chefia de departamento pessoal e a família aumentou. O casal teve 4 filhos. A turma foi crescendo, cada um ia para um lado. Ele se aposentou. A casa que, antes era de seis pessoas, passou a ser somente dele e de Laurinda.

O homem, no entanto, era um péssimo fisionomista. Todas as vezes que alguém o abordava na rua, ele passava a maior vergonha por não reconhecer a pessoa. Não adiantava, ele não se lembrava:

— Não, não me recordo de você. Pode me desculpar? É que sou ruim de fisionomia.

Um dia, foi ao centro da cidade fazer umas compras e parou numa loja para conversar com um ex-vizinho, Francisco. A loja de frutas do “amigo” era o point para um breve bate-papo quando Geraldo passava por aquelas bandas do mercado. No fim da tarde de uma quarta-feira, os dois conversaram mais tempo que o de costume e, de repente, aparece um sujeito alegre por rever um velho amigo e cutuca o marido de Laurinda:

— Opa!

— É comigo? — Respondeu Geraldo sem graça.

— Você não está me reconhecendo?

— Desculpe, não estou não.

— Não é possível!

Geraldo pensou que o homem seria colega do seminário, da empreiteira ou do bairro. No entanto, o cara continuava a dizer:

— Você não muda, cara. Não mudou nada. Só a cabeça branca!

— Não estou me lembrando de você não. Você deve estar me confundindo.

— Diz aí, você continua casado com a Deusdeth?

Francisco tomou um susto e virou-se no balcão, começou a prestar atenção naquela estranha conversa. Geraldo aproveitou a situação, percebendo que o cara estava realmente fazendo uma grande confusão:

— Eu, com a Deusdeth? Aquela mulher me quebrou, cara! Você não vai acreditar, limpou a minha conta no banco. Expulsei de casa, larguei a danada na rua da amargura!

— Sério mesmo?

— Se é! Depois dela, ainda arrumei mais duas de uma vez! Laurineide e Matilde! — “Quem é esse cara? Qual o nome dele?”, pensou Geraldo logo em seguida.

— Afonso! Você me saiu melhor que encomenda, hein, camarada!? O pessoal da sinuca não vai acreditar a hora que eu falar de você lá.

Francisco virou o rosto no balcão para rir “em segredo” daquele momento tão inusitado.

— Pois é, né? A carne é fraca! Já estou na quarta, mas agora eu quietei o facho! Eu amo a Marieta como nunca amei mulher nenhuma na vida.

— Quem te viu, quem te vê! Você era o quietinho na escola, no bar, também! Só ia lá para jogar sinuca.

— A vida, né?

— Bem, Afonso, vou nessa, tenho que pegar o sorvete dos meus netos e mulher ainda tá me esperando em casa.

— A cabeça está meio ruim... Qual é nome dela mesmo?

Francisco prendia a boca para não dar uma gargalhada!

— É a Tiana, você não se lembra?

— Ah, é verdade! Mande um abraço para ela! Até mais ver! Qualquer apareço lá na sinuca!

O homem foi embora. Ele mal virou a esquina e Francisco caiu na gargalhada:

— Quem é Deusdeth? Você se separou da Laurinda?

— Sou fiel à minha mulher, sô! Enlouqueceu? Percebeu não? Fiz a maior hora com a cara do sujeito. Eu nunca vi esse homem na minha vida. Eu vi que ele me confundiu, então eu dei corda!

— Você, hein, Geraldo! Um cara tímido que nunca gostou de brincadeira!

— Um dia temos que levar na esportiva, né? A vida está tão difícil! E ele ainda cismou que meu nome é Afonso, vê se pode?

...

Um mês depois, Geraldo foi ao centro novamente e passou pela loja de Francisco. Quando estava escolhendo alguns abacaxis para Laurinda fazer seu doce predileto, recebeu um leve tapa nas costas.

— Afonso, você aqui de novo! Não voltou mais na sinuca, por quê?

Por incrível que pudesse parecer, o aposentado se lembrou da fisionomia daquele sujeito. Francisco, ao fundo, começou a observar como Geraldo iria sair daquele embrólio.

— Afonso?! Você me confundiu com alguém, meu senhor. Eu me chamo Geraldo. — Disse ele em tom sério.

Desconcertado, o homem respondeu:

— Sim, acho que te confundi com um amigo meu. Desculpe te incomodar, senhor.

E num estalar de dedos, o homem sumiu no meio dos transeuntes. Francisco e Geraldo caíram na gargalhada.

---